

Pioneira das pistas

Bia Figueiredo fala da emoção em dirigir um carro de Fórmula Indy em São Paulo e sobre o preconceito que teve que enfrentar nas pistas

Por Karen Rodrigues

Acompanhar as corridas de Fórmula 1, Fórmula Indy e brincar de carrinho é coisa de menino, certo? Nem sempre. Ana Beatriz Figueiredo é uma exceção à regra. Desde criança, ela sempre gostou de assistir corridas e tem como ídolo Ayrton Senna. Resultado - aos nove anos começou a correr de kart e hoje é a primeira mulher do Brasil a correr em uma categoria top do automobilismo internacional, a Fórmula Indy.

Sua estreia na modalidade foi no Circuito Anhembi na São Paulo Indy 300, em março desse ano. Pilotando o carro 23 da equipe Dreyer & Reinbold Racing, ela largou na 22ª posição e obteve o melhor resultado entre os estreantes na categoria e entre as quatro mulheres que disputaram essa primeira etapa do campeonato, ao conquistar o 13º lugar numa corrida cheia de contratempos. Em entrevista exclusiva à Folha Universitária, Bia Figueiredo conta sobre sua primeira disputa, os preconceitos na carreira e seus planos nas pistas.

Folha Universitária – Quería que você fizesse uma análise sobre sua primeira participação na Fórmula Indy?

Bia Figueiredo – Pra mim foi uma experiência super positiva. Eu estava super feliz por estreiar numa categoria top, onde sempre sonhei estar. E ainda me orgulho de ser na minha cidade. Então foi super especial, super legal. Foi um mês muito corrido, mas foi tudo muito especial.

F.U. – Nesse primeiro contato o que você achou do desempenho do carro?

B.F. – Eu não tive muito tempo para me preparar. Tive apenas um treino antes de correr aqui em São Paulo e nos treinos eu não conseguia andar muito, porque tive problemas mecânicos e depois bati. Na classificação quebrou de novo, então eu tive que usar um

pouco da corrida para treinar também e me adaptar mais ao carro. A corrida é muito longa e eu tive tempo. Era só não me envolver em nenhum acidente para terminar minha corrida. E durante a corrida fui melhorando meu tempo e já me adaptando ao carro. No final já estava virando o tempo bem mais competitivo, o mesmo tempo que os líderes, então foi muito bom.

F.U. – Nesse primeiro contato com o carro você sofreu um acidente e bateu. Isso te deixou apreensiva para a corrida no domingo?

B.F. – Não muito. Porque eu sabia que o acidente havia sido causado pela pista. No meio da reta fui acelerar e bati no muro. Realmente foi uma pena porque acabei perdendo o segundo e terceiro treino por causa da batida. Prejudicou bastante, mas eu me mantive tranquila. Enfim, deu tudo certo.

F.U. – A corrida teve várias falhas. Logo na primeira volta teve a nuvem de poeira, depois a pista alagou. Você acha que São Paulo estava preparada para receber esse tipo de corrida?

B.F. – Estava, estava sim. Acabou tendo a poeira, porque durante a noite a prefeitura teve que mexer na pista. E eles acabaram lixando a pista inteira, abrindo vários buracos para a pista adquirir aderência. Com isso ficou

ali uma poeirinha bem lisa e foi saindo com o tempo. No final da corrida já não tinha nenhuma poeira, só na largada mesmo. E a chuva chegou muito forte como as chuvas paulistanas têm sido e como a gente previa que poderia acontecer. E sabíamos que se tivesse que interromper a corrida, eles iriam interromper e uma hora ia parar de chover, a água ia abaixar e a gente ia conseguir voltar à pista. E foi exatamente o que aconteceu.



Luca Bassani

F.U. – Como tem sido essa experiência de ser a primeira mulher brasileira a participar de uma categoria tão importante do automobilismo?

B.F. – É uma coisa muito bacana. Me sinto muito honrada de ter sido a primeira. É sempre bom fazer história e acho que foi muito difícil chegar aonde cheguei, mas agora tem sido muito especial por ser a primeira mulher. Só vejo coisas positivas mesmo.

F.U. – Como tem sido seu contato com a equipe?

B.F. – Eu fiz essa primeira etapa com a equipe Dreyer & Reinbold Racing e a gente já está conversando para o resto da temporada, ou para algumas etapas a mais no ano. Eles querem muito que eu continue com eles.

F.U. – Além de você, tem apenas mais três mulheres competindo. Como é competir numa modalidade predominantemente masculina? Há muito preconceito?

B.F. – No começo da carreira no Brasil foi muito mais difícil. Nos EUA é muito mais comum mulheres correndo. Lá eles estão um pouquinho mais acostumados, mas assim, eles também não gostam muito dessa atenção que é dada para a mulher, eles não gostam de perder para as mulheres também, mas o preconceito maior eu sofri aqui no Brasil mesmo.

F.U. – Você começou a sua carreira bem cedo, aos nove anos. O que despertou essa paixão pelo automobilismo?

B.F. – Eu sempre gostei muito de assistir corridas. Assistia Fórmula 1, Fórmula Indy na televisão. Brincava de carrinho. E um dia meu pai me levou a Interlagos para assistir uma corrida de kart e foi aí que eu me apaixonei pela corrida.

F.U. – Qual a maior dificuldade que já enfrentou na carreira?

B.F. – A maior dificuldade foi mais financeira, sabe. A procura de patrocínio, fechar patrocinadores. A maioria das vezes foi a de patrocínio mesmo.

F.U. – No kart você competiu com alguns pilotos que hoje estão na Fórmula 1. É algo que você almeja?

B.F. – Hoje em dia não mais. Estou muito feliz em estreiar na Indy. Gostaria muito de fazer a minha carreira nos EUA, me sinto bem lá. Me sinto feliz. Acho que se aparecer uma oportunidade na Fórmula 1, no início a gente deva conversar eu e meus empresários definir quais são as melhores oportunidades, mas no momento eu foco a Fórmula Indy.

